

## ANEXO

### TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS

#### TRANSCRIÇÃO 1

Eu participo de um projeto institucional que é o Peas Juventude, de atividades de trabalho de campo e de uma atividade com a linguagem do cinema e a Geografia. Para o projeto PEAS eu acabo levando muitas atividades de sala de aula, do ensino da Geografia, até mesmo para justificar esse financiamento do governo com escolas da rede estadual, como é o projeto de educação ambiental e outros que são desenvolvidos com o custeio do governo do estado.

Além do projeto PEAS, uma outra atividade que acontece nessa escola é a feira cultural que não é mais uma das atividades da escola, ela é um evento na cidade. Esse evento é importante e traz muita gente para conhecer, ver os trabalhos dos alunos. Por ela circulam alunos e ex-alunos, passam jornalistas e políticos, os amigos, os pais. É uma semana de apresentações dos alunos da escola.

O trabalho de campo, eu organizo a viagem (que entra roteiro, agendamentos, contrato com ônibus, hospedagens etc. e até o balanço dos custos) e a escola contribui, mas é pago pelos alunos.

O cinema: a contribuição da imagem para assimilação do conhecimento geográfico é uma atividade que eu desenvolvo, sem ‘custeios’, sou eu e os alunos do 3º ano, às vezes conto com ex-alunos que gostam de dar sua contribuição, e conto com a participação de estudantes que estão no curso de História ou de Geografia. Essa atividade envolve outros professores, eventualmente Artes, Literatura, História, Sociologia. Ela acontece fora do horário de aula. É cada vez mais difícil achar um horário para encaixar a atividade porque os alunos já fazem o pré-ENEM, o PAAES, o pré-vestibular (este último deixou de existir para a escola pública, mas ficaram o ENEM e o PAAES). Com esses cursos que os alunos já fazem, para nós, da escola pública no ensino médio, esticar mais um pouco o horário é muito complicado para oferecer outras atividades extras. Essa atividade contribui com a reflexão, especialmente para o conhecimento dos alunos de 15 e 16 anos porque é mais prazeroso aprender. Na escola é muito complicado ficar só no na base do livro e explicação, discursos. Acho que o uso de linguagens e imagens facilita o nosso trabalho de ensino-aprendizagem. Trabalho com filmes, para abordagem do Oriente Médio eu escolho aqueles que já passaram no circuito nacional.

Esqueci de mencionar uma outra atividade, um trabalho em que a escola se envolve e é importante: é a ‘corrida de orientação’. A gente recebe a ajuda do exército para desenvolver o trabalho de cartografia. Isso repercutiu tanto que veio um grupo de Divinópolis querendo aprender. Além da repercussão entre os alunos, pois muitos ganharam medalhas. São muitos ex-alunos nossos que participam, que estão na universidade, fizeram ou fazem Geografia; alguns estão no exército. Houve muitas medalhas na competição regional e nacional e muitas viagens. A corrida desenvolve muito a cartografia; alunos e professores, saem do ambiente da sala de aula, vão para um espaço, como o Parque do Sabiá, para a zona rural, e aprendem a fazer uso dos mapas, fazer a leitura, a enxergar tipos de vegetação, de relevo e chegar ao objetivo, chegar a algum lugar obedecendo a regras, competindo, sendo solidário com o colega, observando algumas questões. É muito interessante essa atividade, que foi abraçada quando uma estagiária que me acompanhava e foi apresentar uma atividade de prática de ensino pediu para desenvolver a ‘corrida de orientação’. Eu consenti, fui e participei das atividades e na ‘corrida’ seguinte eu levei mais dois colegas; hoje a outra professora abraçou essa atividade e sua causa. Como a professora que assume essa atividade trabalha no final de semana, ela até leva os filhos, o caçula competia num carrinho de bebe [risos]. Várias áreas participam, ela faz parte do calendário da escola. É um encontro importante, pois veja, o que a escola precisa é de encontro. Antes, na vida de estudante, saíamos de casa para fazer trabalho na casa do colega, hoje o aluno se desloca para a escola, não há como fazer trabalho em grupo. Isso acabou e quanto o aluno vai encontrar com o colega é na sala de aula; daí ele quer conversar e a gente dá um chega, vai afastando, e ao mesmo tempo queremos disciplina, e a conversa pode ser vista como indisciplina. Mas ao mesmo tempo, nós queremos que ele tenha respeito e diálogo, quando ele não tem nem contato com o colega. Acho que isso é uma longa

discussão. Precisamos ouvir o que ele está discutindo, como discute etc., vamos discutir o que ele está discutindo!

A ‘corrida de orientação’ leva ao diálogo, a viagem e a atividade promovem um contato entre as pessoas. A atividade se tornou tão importante que muitos alunos que já estão na universidade voltam como equipe de apoio para a ‘corrida de orientação’. Alguns alunos que seguiram a carreira militar falam da cartografia e da Geografia.

A atividade faz parte do calendário do professor e começou a acontecer em 1997. Agora vai ter uma ‘corrida de orientação’ no ‘Recanto das Águas’ e os alunos que desejam participar fazem a inscrição e pagam 20 reais, o que cobre as despesas com mapas, hospedagem, alimentação, etc.

Essas atividades realizadas no ensino médio são favorecidas pelo fato da escola ser de referência. Nós temos equipamentos que outras escolas não têm. Eu tenho disponível projetor, vídeos, biblioteca, etc. Por ser uma escola que é referência para a cidade, nos atraímos o desejo das escolas particulares de seduzir o nosso aluno, que vai ser um cliente, então elas oferecem uma sala especial, auditório, cursos, camisetas para, por exemplo, bancar a feira cultural.

Mas há atividades simples que são limitadas pelas condições, como até as nossas aulas. A escola foi construída para atender só o ensino médio e hoje atende as séries finais do ensino fundamental; numa determinada época não tinha ajuda do estado, verba suficiente para a merenda escolar, por exemplo. Então a direção da escola criou a 7ª e a 8ª série, hoje será o 8º e 9º anos, para que se tivesse mais renda e, no caso, possibilitasse a merenda escolar. Hoje está acabando o ensino fundamental. Outra coisa é a quadra para atender os alunos na aula de educação física, que fica em frente a algumas das salas de aula. Isso inviabiliza a aula expositiva, o exercício, a concentração e, assim, temos que partir para o exercício com o livro didático, usar um raciocínio rápido, pois não vai adiantar eu falar. O barulho da quadra inviabiliza a aula, qualquer coisa que eu possa falar, e então temos que ver alguma coisa que possa ser adequada.

Para os alunos com dificuldades nós temos um plantão de dúvidas que a gente diz que é o horário do nosso módulo. Às vezes aproveitamos os estagiários para esses horários, pois os estagiários não cabem na sala de aula, que mal comporta 40 alunos e já tem entre 45 e 53. Então aproveitamos os estagiários para esse momento de tirar dúvidas. O aluno que procura tirar dúvidas é aquele que vê que ele precisa da Geografia e que vai fazer um ENEM ou um PAAES e, de alguma forma, despertou nele a curiosidade. Também, ele começa a ler jornais e revistas e surge uma questão, como terremoto, e assim as notícias, por terem uma importância para a Geografia, despertam o aluno. Nesse caso eu tenho que sair do conteúdo planejado e falar do terremoto, do terremoto na Turquia e do que está sempre acontecendo na realidade próxima e distante. Aí tem que ter um jogo de cintura ‘danado’ porque eu tenho um tempo limitado, são só duas aulas semanalmente.

Eu tenho turmas de colegial na manhã e duas à tarde, nos anos anteriores tinha também o noturno. E muda tudo de um turno para outro. Quando eu era mais jovem, trabalhar no ensino médio noturno era uma beleza, eu tinha mais energia, tentava estimular, trabalhava com música, com questões do vestibular, puxava os alunos. Eu acredito que o profissional também vai se cansando e aí, chegando a noite e encontrar os alunos cansados e eu também cansada não dá, dá sono. Então, eu podendo decidir, escolhi a manhã e a tarde e puxei mais aulas da manhã. Pessoalmente, me sinto melhor, gosto de acordar cedo, minha energia é outra, meu pique é outro. As expectativas em relação aos alunos mudam de acordo com o turno. Eu questiono até o horário: às sete horas é muito cedo. Essa moçada, o aluno fica envolvido até muito tarde no computador, não dorme o suficiente. Estamos (o sistema escolar) ferindo a natureza dos jovens. Eu acho que o horário de funcionamento da escola não deveria ser antes das oito horas. A escola tem que mudar a partir daí. As minhas expectativas em relação aos alunos, e as diferenças dos turnos, ou a própria expectativa dos alunos de cada turno são diferentes e mudaram muito. Se antes o aluno da manhã tinha como obrigação (não sei se posso usar essa palavra), mas ele só estudava. Hoje o aluno do turno da manhã e o da tarde trabalham e às vezes os alunos da noite não trabalham. Nesses 20 anos de trabalho eu percebi essa mudança no ensino médio e das expectativas. No início de carreira eu convivía com alunos do noturno que, no geral, eram pessoas mais velhas. Agora o aluno do noturno é jovem como o da manhã, tem a mesma idade, mas a maioria trabalha. No caso dessa escola no turno da manhã há alunos que trabalham na zona rural, na roça com hortaliças,

plantando abobrinha, chuchu etc. e eles vêm de Martinésia e de outros distritos do município de Uberlândia.

Trabalhando nesta e em outras escolas, vejo que a diferença de trabalhar aqui é o aluno. O aluno que chega aqui nesta escola já tem uma bagagem de conhecimento, tem uma referência que as vezes é o pai que estudou na escola, a escola tem um certo status que aprova em vestibular e em PAAES. Então o aluno já vem com uma expectativa. Eu acho que essa escola tem uma certa ambiência, que o aluno já vem motivado a estudar. Temos salas que parecem estar programadas, não há dificuldade de dar aula, ‘descemos’ o conteúdo e eles absorvem, lógico que eles perguntam, trazem materiais para consulta, nos testam.

Eu, particularmente, faço um trabalho para despertar a auto-estima do aluno, eles relatam que venceram a dificuldade de falar, não só frente aos colegas mas com os colegas. Alguns relatam que não conheciam quem estava do lado deles há dois anos e só depois desse trabalho que desenvolvo eles se descobrem e acham muito bom. Eu vejo que a idade deles, no 3º ano, os alunos têm 16 e 17 anos de idade, é algo que eu tenho repensado e tenho muitas dúvidas ao trabalhar nos 3ºs anos. Eu acho que os alunos são muito pressionados, eles estão sempre com os nervos à flor da pele e é difícil trabalhar isso. Eles são pressionados pela família, pela sociedade, pela escola e eles não têm estrutura para isso e estão chegando cada vez mais jovens para tomar decisão. Todo ano agora tem ENEM.

E o estado tem uma carga horária incompatível, temos duas aulas por semana, quando tem, e sem um suporte, como o da História. Por exemplo, com os meus alunos do terceiro ano eu tenho que parar o conteúdo, porque eles não têm aula de História, como vou eu vou explicar a velha ordem mundial se ele não sabe da 1ª Guerra Mundial, como ocorreu, como eram as divisões dos territórios em 1945 e aí vai. Tenho que voltar e retomar tudo das explicações. Temos esperança que isso mude, algumas escolas não têm Geografia e outras não têm História. Lembrando que no turno da tarde as salas são superlotadas e a escola não tem infraestrutura, os alunos vêm com uma energia que parece vir da temperatura. Porque Uberlândia tem isso, de manhã está mais fresquinho e à tarde é muito quente, a escola tem um ventilador que não refrigera a sala, às vezes estou em sala do lado do sol ou do barulho da quadra.

Sobre as mudanças curriculares que ocorrem, a escola não para para informar o professor sobre isso. Isso cai até nós. Entre essas medidas eu destaco as avaliações. Primeiro eu não sei quem está me avaliando e se quem avalia tem conhecimento da escola. Porque o que essa escola representa para mim? É como se fosse uma casa. Eu já passei 20 anos da minha vida ali. Eu tenho um amor muito grande. Não é uma simples escola que eu vou ali trabalhar, eu tenho uma história de vida, eu devo ser uma das professoras mais antigas hoje na escola e comecei como estagiária! Ser avaliado e estar sendo avaliado eu acho que estamos a todo o momento, em tudo na vida. Mas um colega avaliar o outro? Pois é isso o que acontece. Monta-se uma equipe, se bem que eu não sei que critérios são os da escolha dos avaliadores e os critérios que são usados para me avaliar, eu nunca soube. Sei que participam a direção e alguns colegas de trabalho. As minhas notas nunca foram ruins, são consideradas boas. Os alunos não avaliam os professores. A avaliação faz parte do nosso currículo e ela é uma avaliação de desempenho que gera um prêmio de produtividade, que eles chamam de 14º. Na verdade é um prêmio por produtividade recebido em outubro e que, este ano, essa produtividade foi até agora negada pelo governador por ‘chantagem’, por conta da greve que aconteceu. O prêmio de produtividade depende das nossas notas de avaliação.

A respeito do que é produzido em termos de currículo, sendo honesta com você, eu me sinto órfã. Não há uma equipe de pedagogo para nos auxiliar. A equipe de pedagogo é que mais precisa do professor, pois ela chega tão mal informada que tenho, eu e colegas, que passar a informá-los sobre a escola, a história da escola, dos concursos aos quais os alunos se submetem, para auxiliá-los mais do que nos auxiliam. Passamos para o pedagogo o que seria a função dele, o que ele teria que nos auxiliar. Ficamos órfãos dentro da escola. O professor não se ocupa disso [mudanças curriculares] embora saiba de mudanças, não há tempo para reunião pedagógica.

Essas mudanças, desde 1996, descem por goela abaixo. De certa forma, embora seja aparente que nada aconteceu, que não mudou, ano a ano houve grandes transformações, mas ficou tudo muito superficial, a gente vai engolindo, o aluno engole, a direção engole, e ninguém para refletir sobre o caminho que

estamos indo, o que queremos, e o que nós estamos fazendo. Porque acho que a nossa responsabilidade é grande e temos que parar para pensar, pois lidamos com gente.

Nessas mudanças, eu enxergo como positivo o fato do aluno ser bem alimentado na escola, ele almoça na escola, fica direto na biblioteca, pois nossa biblioteca é muito rica, ela tem muitos livros, talvez seja uma das melhores da cidade. Quanto às avaliações, essas não levam a nada. Não cumprem um retorno.

O que a escola não tem mais e que eu acho mais importante é a figura do orientador de área; o professor ganhava por aula em que ele se reunia. Módulo não temos mais. Nós não nos encontramos para discutir avaliação. Mal conhecemos os colegas da área.

O que a escola não tem e eu considero muito importante são as reuniões pedagógicas, por equipes, tínhamos um coordenador de área que cumpria um papel pedagógico, não temos mais isto, pois o professor deixou de ganhar por isso. E o módulo é uma fachada. Mal conhecemos o colega da própria área.

O único momento que somos cobrados é no início do ano, quando é cobrada a realização do planejamento anual por área. Ele fica por escrito e seguimos alguns parâmetros, mas fica na realidade um pouco do 'conteudismo', pois prevalece a ideia do conteúdo importante para o aluno ingressar no ensino superior, ou seja, nos cursos da UFU. Essa ideia fica sendo uma demanda do aluno. Só que o que a UFU demanda não corresponde ao que o currículo do estado de Minas nos impõe ou fornece. Sendo diferentes esses programas, eu pego o programa do estado de Minas e um programa da Universidade de Uberlândia e, com eles, faço adaptações, tento enxertar, amarrar o que um tem e o outro não, fazer adaptações ou, ainda, mesclar. E esse planejamento anual do início do ano é feito em todas as áreas e para todos os turnos. Mas a gente não tem como segui-lo fielmente na sala de aula, a tarde pode até seguir, mas no noturno não. O plano de aula da manhã se aproxima do da tarde, mas são totalmente diferentes do noturno. Se não for assim, não dá para atender minimamente os mesmos objetivos.

Eu já falei um pouco das diferenças de turnos e de alunos. Para dar conta disso, eu me baseio ou tenho como guia os alunos. Para começar, eu acho que é o aluno, a energia; a jovialidade nutre a nossa vaidade, quando estou com os amigos observo que estou sempre atualizada, e essa energia a gente capta com os alunos. Essa forma atual de comunicação, seja a internet ou outros recursos, eu capto dos alunos e estou por dentro, tenho facebook, faço os recursos que utilizo em sala de aula, domino técnicas, pois são os alunos que me informam sobre elas, há essa troca com os alunos. E essa forma de pensar vem dos alunos, eles, eu acho, me nutrem como professora e me torno uma pessoa que está acompanhando o tempo. Eu gosto de conviver com os alunos. Claro que nem todos os dias são assim. Há dias que estamos mal com as condições, com o salário, com a vida, mas o que ajuda a levantar, [não vale falar que é Deus] então é a obrigação, é o meu trabalho. Ligo uma música e vou enfrentar a sala de aula, um sol quente e uma sala cheia, o que eu vou fazer? Às vezes encaro a sala de aula como um palco e eu às vezes represento, pois às vezes saio de casa chateada, mas chego ali, no palco que é a sala de aula, e faço uma representação.

Como professora, no fundo eu acho que sou um mosaico; tem os alunos, mas pesa a minha vida acadêmica e muitas viagens, que me dão conhecimentos e dão um fôlego, cheguei de uma e não parei, já fiz outras.

Por outro lado, estou vivendo um momento de final de ano e em todo final de ano para o 3º colegial, nós professores da escola pública, nos sentimos descartáveis. Eu vejo que muitos professores de escolas particulares, especialmente dos cursinhos pré-vestibulares para o PAAES e ENEM, têm mais crédito. O aluno não acredita mais em você porque você é professor da escola pública. Isso fere a nossa vaidade. Você, professor, sabe do que é capaz, você sabe do que está falando, pois é um conteúdo que você trabalha há mais de anos com o colegial; domino e faço uma leitura diária. Mas às vezes o aluno te subestima. Subestima o professor por ser da escola pública. Por exemplo, ele faz um parâmetro da escola pública com a escola privada e eu fico frustrada, reflito sobre isso, não ignoro, embora tente mostrar para o aluno o meu lado até por questão de vaidade, mas não adianta, não sei se convence. Tem muitos alunos que temos que buscar, conquistar pela fala, pelo conteúdo da Geografia, pelos relatos de viagens. A forma de trabalhar acaba despertando o interesse deles de fazer Geografia,

engenharia ambiental. E me perguntam o que eu acho deles fazerem turismo, eu percebo que, pela nossa forma de trabalhar na aula, eles estabelecem um diálogo sobre a profissão.

A maioria dos alunos está perdida, não sabe o que quer e para onde ir. Isso acontece porque muitos são novos, são muito imaturos e questionam o que fazer, por que vão fazer isso (o ENEM, por exemplo). Eles querem consumir, me perguntam: Professora, eu vou estudar para quê? E há uma crítica muito grande à figura do professor; sou até questionada: Como você foi para a Europa com o salário do professor? O professor está ridicularizado, está menosprezado, é cruel. Quando você me pergunta que motivação, quando você chega o que você faz, eu só posso responder que é uma força divina (risos).

E com o tempo de trabalho que tenho, o que eu vou fazer hoje? Começar tudo de novo (em termos de trabalho e formação)? Eu gosto da sala de aula, é meu trabalho.

Eu, diante de alunos diferentes eu tenho que mudar. Mudo objetivos, conteúdos etc. Tem dia que, por estar as vésperas ou após a realização do ENEM, não adianta eu trabalhar em aula o conteúdo programado. Eu vou discutir as questões do ENEM, pois os alunos estão eufóricos, querem contar o que ocorre, eles tiveram problemas de trânsito para chegar no lugar da realização das provas, enfrentaram questões que trouxeram dúvidas, de comportamento. Assim a sala é um palco, dependendo do que aconteceu eu mudo tudo, não dá para ser aquela aula que eu programei, eu tenho que pensar muita coisa e tem que ser relâmpago, tem sempre que ter uma carta debaixo da manga por dia.

Para ser possível, tendo duas aulas por semana, as avaliações que programo são duas por bimestre. Primeiro, aquelas que todos professores da escola realizam: é o provão com dez questões fechadas de cada disciplina para desenvolver no aluno aquele conhecimento do que é um concurso, tipo do PAAES. A segunda avaliação, que fica a critério do professor, eu defino com base na crença do trabalho em grupo e, então, realizo avaliações em grupos pequenos, em duplas, e procuro desenvolver questões abertas para que eles possam discutir e vou dando assistência entre os grupos, sempre com um texto ou uma coisa a mais para que eles possam refletir. Além dessas avaliações, estou envolvida com os alunos nas atividades de que falei, que incluem outras disciplinas e a política da escola.

A minha formação acadêmica às vezes, mas nem sempre, ajuda a lidar com os alunos. A formação que recebi não ajuda a motivar os alunos porque muita coisa mudou nesse tempo que estou em sala de aula. Essa formação que eu recebi nem sempre me ajuda com a indisciplina. Honestamente, uma das coisas que eu percebo que controla a disciplina do aluno em sala de aula é o professor demonstrar para o aluno que tem domínio de conteúdo, aí você consegue dominar a indisciplina. Aí, então, eu consigo garantir a aprendizagem do aluno. Eu acredito que a minha formação acadêmica é importante para contribuir com a participação do aluno que termina o ensino médio em vários aspectos da vida, do trabalho e, de forma mais explícita, para prosseguir os estudos.

Acredito que a formação até melhorou de uns anos para cá, pois vejo que a Geografia dá um 'sustentáculo' a outros conteúdos escolares. Hoje a formação acadêmica preenche requisitos mais do que há 20 ou 30 anos atrás.

Sem ser a formação acadêmica, o que me ajuda, repassando a minha história, é a experiência de um trabalho de que participei num centro cultural, que era uma biblioteca, e isso teve uma importância muito grande para o incentivo a leitura. A minha função era incentivar a leitura e essa experiência eu levei para a sala de aula, realizo isso. Isso acontecia aqui em Uberlândia na antiga Fundação pelo Trabalho, onde é a atual escola RG. Inclusive eu conheci o prof. Milton Santos nesse trabalho, porque eu estava na equipe de apoio para trazê-lo; mas na época eu estava no 1º período de Geografia e não tinha noção do que era aquele professor e o que representaria aquele momento para a minha vida. Agora, quantos livros de Milton Santos eu já li, quando às vezes passamos para os alunos o filme do Milton Santos na aula, apresento o seu trabalho, as ideias e o que representa a figura dele no campo da Geografia e a sua obra aqui e no exterior para nós brasileiros. Os alunos conhecem o que eu não conhecia! A minha formação em Artes Plásticas também contribui. Essa valorização da imagem para essa moçada que está aí e faz mais uso das imagens. Nas minhas aulas eu desenho muito, uso o desenho nas aulas de Geografia física, uso do cinema etc., são coisas que eu aprendi na minha formação em Artes Plásticas.

Durante esses anos em sala de aula, eu tive muitas e várias experiências em todos os turnos, escolas públicas e privadas, no ensino superior, colegas de área e todo esse trabalho eu acho que traz contribuições significativas e me ajudam a mudar e não me fazer uma professora que impossibilita mudanças. Por isso eu vejo sempre novos caminhos ou novas possibilidades e quero isso, gosto disso, de ter contato com meus colegas, às vezes nem sempre possível por causa das condições de trabalho, pouco tempo e o envolvimento de todos com tanta coisa, que me sinto solitária no meu trabalho. É importante conversar com os estagiários, eles estão começando e me trazem coisas novas, estão saindo da universidade, trazem conhecimentos ‘fresquinhos’ e novas propostas.

Diante dessas condições e necessidades de trabalho, nós precisamos de uma formação em serviço para nos ajudar no campo da psicologia, na sociologia e da pedagogia. E, para acontecer isso, é difícil. Veja agora com a proposta de 220 dias letivos. Acho que a qualidade não está na quantidade e, se a educação precisa de qualidade, que seja a qualidade do professor. O professor precisa de tempo para se reunir, de tempo para novos aprendizados, para refletir. Criar espaços com pedagogos, mas pedagogos que realmente conheçam a escola e a sala de aula. Eu vou em alguns cursos que os palestrantes que não vivenciam uma sala de aula vêm falar de coisas que eu sei muito mais, tenho mais experiências do que quem está ministrando a palestra. Os temas, por exemplo, como a indisciplina, o espaço físico, a questão de como atrair o aluno disperso, são questões para reflexão, assim como colocaria para discutir o que é a escola hoje, o que se pretende e todas essas mudanças que o mundo moderno e contemporâneo passou e tem passado. Nós professores estamos muito defasados. E isso ajudaria a conhecer mais a escola, os colegas. Já pensamos isso na escola, discutimos sobre isso, mas não criamos um espaço porque não temos condições dentro da rotina escolar. Aliás, uma das propostas da E-R era essa. Tanto é que em alguns momentos eu mesma fui até Belo Horizonte, participei de encontros com professores da rede, da UFMG e das propostas de mudanças curriculares, novos planos, a tentativa da escola não ser só ‘conteudista’ e pensar na formação do professor. Só que isso acabou caindo por terra. Hoje temos um vazio. Acho que a escola nem recebe mais verbas, e isso se acirra com o novo governo (o mesmo num novo mandato). Ele não deu continuidade, pois a E-R mantinha, mesmo on-line, um contato com professores de outras universidades que davam assistência ao professor. Hoje não tem mais o prédio que funcionava como centro de referência do professor, que tinha biblioteca, oferecia palestras e encontros presenciais que serviam de trocas de experiências; eu mesma dei palestras, me envolvi com professores de diversas áreas da região do Triângulo. O centro de referência era procurado e aproveitava-se a experiência do professor, se aproveitava o que os colegas faziam, repassavam-se atividades. Esse centro funcionou durante o tempo do programa das E-R, funcionava junto com o centro on-line e se findou assim como a E-R. Durante o desenvolvimento do programa E-R em Belo Horizonte, eu tive contato com professores do Vale do Jequitinhonha, com realidade totalmente diferente. Levei minha experiência de Uberlândia para BH e passei para os meus colegas o que vivi com colegas da região de BH e de outras regiões de Minas Gerais. E tudo se acabou, não se ouve mais falar. E a justificativa, simplesmente é que não tem verba! Terminou um governo e começou o novo governo, não deu continuidade nesses últimos cinco anos.

Ser professor é uma responsabilidade muito grande. Da saída da vida de estudante de Geografia para hoje é como saísse do lúdico e caísse na vida real; agora é o trabalho. Eu tive que aprender muita coisa. A academia trouxe um incentivo ao estudo, mas eu fui aprender a trabalhar quando entrei na escola. Tive um choque ao fazer o estágio, mas foi justamente fazendo o estágio de Geografia e a prática de ensino que comecei a trabalhar. É interessante a nova relação de troca de experiências que passamos a ter. Já tínhamos nos corredores do curso de Geografia um contato com os colegas e passamos a trocar nossas experiências vividas na escola e que levamos para a nossa vida profissional. Foi importante porque, inclusive, eles saíram do plano do colega e entraram nas nossas vidas, no plano das amizades; acho que o estágio da relação entre os colegas com essa troca de experiências evolui para amigos.

## TRANSCRIÇÃO 2

Atividades com os alunos são as rotineiras, pois somos uma escola sem muitos recursos. Por exemplo, eu agora estava na biblioteca tentando mexer com a televisão para passar um vídeo sobre a China; é difícil, eu até trago atividades prontas em power point mas chego aqui e não funciona o data show. É um para a escola toda utilizar, há sempre demanda dos professores ou não funciona, então, é complicado, é difícil sair da sala de aula, do livro didático.

Embora esta escola seja de Referência, é assim. Nós temos um Grupo, o GDP, que estruturou um projeto de tecnologia e talvez os recursos saiam agora, eles não chegaram ainda, talvez cheguem agora no final do ano. Vamos receber um data-show fixo, um telão e televisão e um som. Vamos desenvolver um projeto de tecnologia em sala de aula. Esse ano começamos a trabalhar alguma coisa do projeto. Por exemplo: os alunos montaram, trabalhando os Estados Unidos, um jornal escrito; eu direcionei alguns temas, pedi no formato de jornal, eu auxiliei em sala e eles montaram em casa, mandaram para a gráfica e fizeram dentro dos recursos tecnológicos e disponibilizamos no site referente a esse GDP. O custo ficou por conta dos alunos.

Nós temos um laboratório de informática mas os computadores não são interligados para eu lançar a aula em um e todos os computadores acessarem. Nós temos um data show para toda a escola e fica na biblioteca; ela não tem espaço adequado para passar vídeo, as imagens são projetadas na parede e o ambiente é muito claro.

Os professores na maioria são avessos à tecnologia. Não sei se é porque estão aqui há muito tempo. O diário é um exemplo disso. A maioria deles usa o diário tradicional manuscrito embora um colega tenha desenvolvido um excelente programa para o diário eletrônico e eu uso desde que entrei aqui em 2007. Mas as supervisoras têm resistência ao diário eletrônico, elas se negam às vezes a assinar diário eletrônico pois alegam que não é tão criterioso como é o tradicional. Enfim, eles não estão acostumados, não confiam.

Não temos um computador ou impressora para os professores embora alguns colegas tenham ido para Belo Horizonte se capacitar para oferecer um curso para os alunos. Organizaram um curso de informática com os professores em horário extra-turno para os alunos que desejarem. Mas a procura é pequena, pois os alunos, principalmente os maiores, já estão envolvidos com outros cursos, trabalham, fazem outras coisas.

Não há trabalho de campo, ou outra atividade, pois você viu a dificuldade. É um ensino muito tradicional, muito sala de aula, quadro e giz e livro, quando uso o livro. Porque há uma dificuldade na escola, com a minha aula e a dos outros professores, principalmente nos primeiros anos do ensino médio, que os alunos não trazem o livro didático. O aluno tem dificuldade de levar e trazer, ou porque vem de ônibus ou porque vem a pé. Há professores que não exigem livros. Eu exijo em todas as aulas e é uma luta do primeiro ao último dia de aula ter o livro didático em sala de aula, embora todos recebam o livro do governo, tendo obrigação de cuidar e devolver no final do ano.

Nessa escola, são poucos os professores que vão além da sala de aula, que trazem novidades, projeto novo e que façam algo interdisciplinar. Isso é muito raro.

As próprias circunstâncias da cultura da escola, as pessoas aqui não foram acostumadas, não querem renovar, há falta de infra-estrutura. Talvez se tivesse infra-estrutura, os professores pudessem ser seduzidos por tecnologias e acabariam utilizando. Acho que é um conjunto de tudo isso. Os alunos também não têm acesso a muita tecnologia, então para eles não faz muita diferença. Eu falo isso, pois trabalho em outra escola, particular, onde eu tenho um computador, um data show e um som em cada sala de aula e também tem o livro didático de cada aluno e toda aula praticamente eu tenho a aula no power point ou em outro recurso. Quando passo uma semana sem trazer uma coisa nova, uma aula diferente, os alunos reclamam, eles cobram de mim algo menos tradicional, menos livro didático. Amanhã, com a notícia dos 7 bilhões de habitantes na Terra eu vou abrir o computador, acionar a internet na hora em sala de aula para ver/ler com os alunos essa notícia e já estou com um texto preparado sobre os sete bilhões de habitantes na Terra. Eu abro a notícia e discuto a informação na hora!

A escola particular oferece ao professor recursos que a pública não tem. Mas o diferencial dessa escola central e tradicional é que ela se destaca frente às outras escolas da rede. Por exemplo, ela está em 2º lugar no ENEM. Eu explico isso, vendo que os professores dessa escola já estão juntos há muitos anos, na mesma disciplina e lecionando no mesmo ano há dez, doze, quinze anos, e isso é muito comum no ensino médio. É um corpo docente muito sólido. Outra coisa que faz diferença é que o aluno chega no 6º ano e sai no 3º ano, passa por todo o processo da escola. Acho que tudo isso faz a diferença. Mas os pais não são presentes. Para você ver isso, agora está tendo a entrega de notas e, se tiver 12 pais de quatro turmas de 35 alunos cada, é muito. E veja que estamos nos aproximando de novembro e eu não conheço 90% dos pais dos meus alunos. E os 12 pais que estão nessa reunião são os pais dos alunos, não vou falar que não precisam vir à escola, porque todo pai precisa, mas são pais de alunos que não têm grandes dificuldades. Numa escola particular os pais são muito presentes e aqui são ausentes.

A escola é uma referência e todos a procuram. Nós temos muitos alunos em fevereiro, salas superlotadas. Quando eles recebem o primeiro boletim você observa uma evasão. Quando chega julho e agosto quando eles vêm que não vão passar, a evasão é uma coisa séria. No meu diário eu tenho entre 30% e 40% de evasão. Em agosto os alunos começam a sair das escolas da periferia e vir para cá. Esses alunos são bons. Eles não conseguem vaga aqui no começo do ano e conseguem em outras escolas e os mais fracos daqui sai no meio do ano pelo fato de não conseguirem notas e achar que vão ‘tomar bomba’ e vêm os alunos melhores.

Os alunos vão mal por causa de uma característica da escola, ou seja, nós temos alunos que são da cidade inteira, uma diversidade de alunos que vêm de todas as direções, de todos os bairros, não há homogeneidade. Já a E-R MP tem uma clientela regionalizada, mais homogênea. Se fizéssemos um mapeamento dessa clientela, comparando de onde vêm os alunos, os da escola x vêm dos bairros vizinhos, ou seja, são atendidos pelos zoneamentos dos bairros, os alunos daqui são de todos os setores da cidade próximos e distantes. Assim perdemos a referência. Assim, não se tem uma caracterização do público para estabelecer o projeto da escola. Temos alunos muitos fracos, que não sabem escrever e temos alunos muito bons, que vieram de escolas tradicionalmente reconhecidas pela comunidade. E esses conseguem seguir o ritmo, acompanhar. Outros, muito fracos, vêm ludibriados por ser uma escola de centro e isso ainda é uma coisa muito forte para os pais. Quando os pais vêm que o aluno não consegue acompanhar, levam de novo para a periferia e nos dizem que na outra escola (de periferia) o aluno era bom, porque lá, segundo os pais, ele conseguia ir bem na escola; então ele volta para a periferia de novo. Na reunião de pais, no meio do ano, nós escutamos muito dos pais esse relato, ou seja, que os alunos não se adaptaram a essa escola. Na realidade, hoje o que assistimos é uma inversão dos valores: não é o aluno que deve se adaptar a escola, é a escola que precisa se adaptar ao aluno! Inverteu-se a lógica. É essa a realidade hoje.

Entre as mudanças curriculares que estão ocorrendo eu tenho uma inquietude, pois eu não concordo com o currículo da Geografia. Por exemplo, 6º ano, você fazer um aluno dessa idade e nível de cognição entender cartografia é difícil. Outra coisa que me incomoda é a desconexão entre conteúdos de 6º ano para 7º ano, sai da biosfera e entra no êxodo rural, não tem como perceber uma linha de continuidade. Depois ele vai para o 8º ano estudar países pobres e, no 9º ano, os desenvolvidos. Não existe uma conexão de uma série para outra que faça o aluno ver que a Geografia é não é uma coisa linear. Outra coisa que me angustia é que se eu falei de cartografia e de biosfera, quando o aluno chega no 1º ano sem saber isso (o que ele já deveria trazer do 6º ano ou antiga 5ª série). Eu não sei o que acontece, mas chega no 1º ano eu tenho que ensinar cartografia. Eu digo a eles: “Vocês já viram isso no 6º ano”, e eles me respondem: “De jeito nenhum!”. Eu não sei se é falha do sistema, se é falha de memória dos meninos, falta de aproveitamento do conteúdo. Só sei que chega no 1º ano e nós temos que ensinar cartografia ‘novamente’, todos os anos eu passo por isso.

Nós ficamos entre o CBC e o conteúdo que a Universidade exige. Estivemos com a supervisora para decidir o que vamos trabalhar: nós vamos preparar esses meninos para a prova de novembro do PAAES, para acesso à universidade, ou seguir o que o governo do estado quer? Como a maioria dos alunos visa a universidade, o caminho a seguir está dado, e foi decidido que vamos seguir o que os alunos demandam, que a universidade cobra. Então expomos para os alunos desde o 1º ano que o nosso conteúdo é voltado para a universidade, o que a UFU cobra. E esclarecemos para os alunos que quem vai prestar concurso fora da universidade vai ter que procurar por isso. Se não, eu vou trabalhar



um conteúdo para UNB, um para a UFU, um conteúdo para o CEFET sei lá de onde. Então, todos os professores seguem o que a UFU propõe. De acordo com a supervisão é assim, mas até o 9º ano é o CBC que seguimos, pois tem os exames que o governo cobra: IDEB e a Prova Brasil. Isso porque são distintos os programas do CBC e os da UFU, pois os alunos são avaliados por esse programa no 1º, 2º e 3º anos e nós não podemos fugir disso.

Esse objetivo serve para todos os turnos e turmas de ensino médio, tanto é que ficamos em 2º lugar no ENEM na cidade, só ficamos atrás da escola MP e da escola da universidade. Essa demanda do vestibular não atende o que eu acredito como professora de Geografia. Vivemos uma Geografia conteudista, cheia de conceitos, e isso não acontece só com a Geografia, mas com todos os conteúdos. Ao invés de eu ensinar a importância de um mapa e para que ele serve, eu tenho que ensinar escala gráfica e numérica para ele fazer a avaliação, depois talvez ele não utilize mais. Eu falo de globalização, e ele não tem contato com a internet, nunca saiu da cidade, mas vai aprender o conceito. Como eu conto com poucos recursos, eu tento levar a Geografia mais próxima deles e daí abrir mais para o mundo. Trago textos atuais, tento mostrar o que acontece hoje para discussão, contextualizar com os meninos. Por exemplo, a mídia está a todo o momento falando do Muammar Kadaf. E eles perguntam quem é Kadaf. Para a maioria, que nunca saiu de Uberlândia, é difícil ter noção de oriente médio.

A gente busca trazer esse conteúdo da região que eles vivenciam e, embora eu siga o objetivo e a metodologia, tenho que mudar algumas coisas para atender salas que são diferentes, turnos que são diferentes; eu adapto o conteúdo e as atividades, porque se não o aluno não tem ideia do que eu estou falando. De manhã os alunos são muito melhores e uso uma expressão para explicar isso, eles estão mais ‘domados’ para o estudo. Os melhores alunos do 9º ano vão para o turno da manhã e os outros que não querem nada, que não querem estudar, ficam no turno da tarde. Os nossos primeiros anos da manhã têm os alunos mais aplicados e sabemos que eles vão terminar cada ano, vão dar resultado para a escola, e sabemos que a escola vive de resultados quantitativos. E aquele mais relapso e com mais dificuldades, ele fica no turno da tarde.

Para atender os que têm dificuldades não há profissionais que estejam voltados para eles na escola ou algum projeto para atendê-los. Nós professores temos o módulo que serve para tirar dúvidas e todos os professores têm uma hora extra para isso; mas eles não ficam ou eles pouco frequentam. Nesse módulo não há um aula diferenciada, isso não existe, é só mesmo tirar dúvidas. O que a gente faz no final do ano é um conselho de classe e avaliamos esses alunos. Quando o aluno ‘toma bomba’, geralmente, ele vai para o turno da tarde. Essa é a seleção! Não existe um trabalho com alunos que não têm perspectiva. Em sala de aula eu tento fazer alguma coisa: chamo os alunos para conversar, uso exercícios avaliativos extras para ver se eles se entusiasmam. Hoje eu fiz isso, tratei de problemas ambientais urbanos valendo um ponto extra, para ver se ‘acordam’. E funciona.

Em relação a minha formação, eu digo que tudo que eu aprendi de magistério eu aprendi dentro da escola e nada foi no Instituto de Geografia, mesmo porque ele não é voltado para o ensino. A formação não me ensinou a lidar com o aluno, com a indisciplina. Para motivar o aluno, até que pode ser no sentido de mostrar para eles que o estudo é importante. Dou o meu exemplo e eles acham o máximo ter um professor mestre na escola, só com dez anos de magistério, ver a professora de Biologia, tão nova continuando os estudos, ir para o doutorado. Eu faço questão de dizer que isso é muito importante, incentivo a continuidade dos estudos, dou vários exemplos porque infelizmente para muitos deles o estudo vai acabar no 3º colegial, mesmo sendo uma escola que esteja despontando no 2º lugar do ENEM. Eu acho que é assim com esses alunos que não vão continuar os estudos por um fator cultural. Eu, quando converso com eles, muitas vezes eles não moram com os pais, muitas vezes não conhecem o pai, moram com a avó, com a tia. O grau de escolaridade dessas pessoas é baixo, muitas vezes elas não estudaram. Essa falta de incentivo familiar está na vida deles e eles acham que estão aqui porque têm que cumprir um dever social, até o 3º colegial. Muitos já trabalham e estão loucos para acabar a escola, ir trabalhar para ganhar dinheiro. Para esses, trabalhar e se sustentar é muito mais importante do que estudar. Esse dia estava com uma aluna faltosa há mais de dois meses, ela perdeu o terceiro bimestre. Pedi para a supervisora ligar para a casa dela, pois é uma aluna muito boa e descobrimos que ela estava faltosa porque não tinha dinheiro para pegar ônibus para vir na escola. A mãe dela veio à escola e explicou a situação de mãe solteira, desempregada e os professores se

reuniram para pegar as notas do bimestre anterior e combinamos de fazer uma média para ela não perder o ano direto e ter a chance de retornar.

Ainda sobre a formação, a licenciatura não prepara para a sala de aula. O meu mestrado não está na área de educação. Mas eu tive e tenho um diferencial que foi iniciar minha carreira numa escola particular muito exigente. Essa escola me preparou, me ensinou, oferece cursos extras, oferece formação para a gente lidar com tecnologia de sala de aula e outros cursos mais diversos possíveis. Então essas condições de trabalho me preparam e eu tento aplicá-las aqui na escola do estado. Lá nós temos curso todo semestre com uma psicóloga e uma psicopedagoga para falar de aluno indisciplinado em sala de aula, na biblioteca não falta livro sobre educação, tem biblioteca, e aqui não há essas condições de trabalho. Lá nos temos reuniões mensais para saber o que fazer com os alunos que não fazem tarefa de casa, eu aprendo lá e aplico aqui. Tudo que eu sei de magistério vem de lá. A escola não é só exigente com o professor, mas com o aluno e isso faz a gente crescer.

Eu trabalhei seis anos nessa escola e passei no concurso do estado. Quando estava há uma semana nesta escola eu cheguei em casa e disse para o meu marido que não dava conta de trabalhar aqui. Eu passei de uma sala de 30 para 40 alunos, estava explicando o conteúdo e tinha metade dos alunos dormindo, metade fazendo tarefa de outro professor. Eu disse para a diretoria que ia embora, que não dava conta. Ela me respondeu “Você está acostumada a um sistema, mas uma hora você entra no sistema e se adapta”.

Aí eu percebi que no meu trabalho lá eu dava 100% de mim e aqui, se eu desse 50% ou 70% de mim, eu já estaria sendo uma excelente profissional. Aí eu pirei: meu Deus como que existe isso! Depois de muito tempo, quase um ano, foi que eu consegui o equilíbrio entre as duas coisas. Porque para mim sala de aula era aquilo lá. Lá eu tinha de 5ª série a 1º ano e aqui eu cheguei eram quatro ou cinco na mesma área, um estava no capítulo dez, outro no seis, outro em capítulo nenhum. Eu fui percebendo que a gente tinha que se adequar ao momento, à situação, e estava exigindo uma coisa que eles não tinham a mínima chance de me oferecer. O primeiro ano foi um caos, tive uma crise e hoje eu sei lidar com as duas realidades sem problema algum.

Outra dificuldade na educação é que a escola está perdendo o papel dela, de ensinar conteúdo, e não falo de aplicação, mas de formação. Porque hoje a gente gasta metade da aula mandando o menino sentar direito, comer com a boca fechada, parar de falar palavrão e tudo mais. Então muitas vezes os objetivos do ensino médio nós deixamos de lado. Porque no ensino médio nós temos duas aulas, um livro com o conteúdo gigantesco. E aí eu penso: como eu vou formar ou tentar formar o cidadão e tudo mais em 110 minutos por semana? Onde a maioria do aluno não traz o livro, não tem caderno, não quer nada. Quando eu falo para a supervisão, pedindo ajuda, ela não tem resposta. O papel da supervisão, o que ela faz, e eu digo isso de forma geral porque tenho notícias de colegas de outras escolas, ela hoje anda atrás de professor cobrando nota e outras coisas. Isso não muda de escola ou de turno. Supervisão busca o rendimento da turma e, quando não há, me cobra, mas muitas vezes eu sozinha não consigo. Quando reunimos para falar de rendimento e de capacitação, não resolve nada.

A formação dos alunos nas três diretrizes do ensino médio é complicada. Na verdade o aluno, desde que entra na escola, está em meio à cidadania, na realidade a cidadania quase que ‘começa’ na escola quando ele entra aos três anos de idade na escola vai sendo preparado para ser cidadão. Eu não falo em trabalho, mas cidadania. Mas hoje a educação está tão deturpada, a escola exerce função que não é dela, a família está se eximindo de qualquer preocupação e responsabilidade. E já houve caso de ligar para pais para vir à escola e ouvir que ele não vem porque o problema do filho na escola é da escola e não dele. Esse dia teve uma mãe que falou para a diretora parar de ficar ligando no trabalho dela, pois é a escola que tem que resolver o problema da filha dela. Então a escola não pode brigar, não pode bater, não pode pôr de castigo, mas a escola tem que educar, como nós vamos educar?

Como professor, o que é possível fazer e dá para fazer, não é consertar a sociedade. A questão é que no mundo cada vez mais tecnológico e robotizado a gente teria que melhorar a infraestrutura do sistema para atrair a atenção do aluno. A gente teria que aproveitar a tecnologia e ser atrativo para o nosso aluno, melhorar o nosso espaço com recursos para exibir filmes, documentários; termos um acervo de DVDs, espaço para aulas interativas. Eu vivo essa realidade na outra escola e as aulas são muito mais atrativas e interessantes. Aqui os alunos matam aula e vão para o pátio, ficam lá em baixo,

eu tenho de 35 alunos a 38, e quando vou saber porque matam aula, eles respondem que é porque o professor de História é chato, porque a aula de Biologia não está interessante, porque o outro não dá aula. A direção vai buscar os alunos no pátio, conversa, resolve por um tempo e depois começa tudo de novo. Na realidade falta espaço para eles terem um momento de atividade cultural uma vez por semana, espaço para dança e outros. O PEAS é uma atividade voltada para o ensino médio, mas só tem no turno da manhã e não sei por que não está no turno da tarde, que tem três salas de ensino médio apenas. Teve um ano que o GDP – PEAS uma vez por mês tinha apresentação de dança, teatro que eles apresentavam e era um momento legal. À tarde, como tem alunos de 6º ano ao 3º colegial, de 13 a 17 anos, então como montar uma atividade atrativa para atender toda essa ampla faixa etária que apresenta interesses muito diversos? As brincadeiras são diferentes, a maturidade entre meninos e meninas, e uma atividade para atingir todos é difícil.

Nossas condições de trabalho carecem de cursos de formação dentro da escola, de aperfeiçoamento na área de tecnologia, pois isso atrai o aluno e o professor tem que se preparar para isso. O adolescente não quer jogar bola, quer videogame, quer o twitter, o facebook, ele quer se comunicar com os colegas do jeito dele. Se nós trouxéssemos a educação para dentro dessas tecnologias, suponha, a escola vai ter um blog de Geografia, os professores vão postar cada um dentro da sua série e os alunos vão interagir. Isso seria fantástico. Mas com fazer isso se não tem um computador disponível na escola para os professores? Os próprios professores são avessos à tecnologia, como eu disse, o diário eletrônico já soma as notas, facilita, mas os professores têm pavor, a supervisão tem horror, a direção aguenta porque tem que aguentar. Há falta de diálogo dos professores com os alunos. Eu não quero que o aluno seja meu amigo, mas eu quero o diálogo, tem gente que acha que autoridade é o aluno não falar. Há um conservadorismo e o professor segura a indisciplina porque o aluno tem medo. Os alunos têm pavor disso, nos estamos lidando com adolescente. O aluno respeita o professor que domina o conteúdo, tecnologias e o seu título. Eu tenho essa facilidade, não tenho problema, mas alguns colegas têm.

Mais do que ser professor, é preciso ser educador. Porque eu, isso é uma coisa minha, não estou na escola para ensinar só Geografia. Mas eu venho para ensinar princípios, para ouvir, para chamar, para conversar sobre alguma coisa que eu vejo que não está legal, eu crio proximidades com os alunos. Esses dias uma aluna brigou com outra por causa do namorado e eu fui conversar com ela. Disse que ela não era disso, não era assim que resolvia as coisas e logo se acabou essa situação. Ser professor é gratificante, por exemplo, quando encontrei um ex-aluno fazendo curso de Direito. Eu não sei se daqui a dez anos eu respondo dessa forma, pois ainda é gratificante esse trabalho, que a gente tem que ponderar, perseverar, brigar pela educação. Eu não queria mudar de profissão, eu queria mudar o sistema para adequar a educação àquilo que eu acredito. A escola precisa mudar. Assim eu cumpro a tarefa de ensinar a cidadania, mas eu tenho que auxiliar para entrar no vestibular e tenho que ter mais de um emprego para continuar nessa profissão. Por isso quero fazer o doutorado e prestar um concurso universitário para trabalhar mais focado. Já trabalhei com criança, trabalho com adolescente, e quero trabalhar com adultos. Quando eu falo para os colegas daqui que vou fazer o doutorado, eles dizem que estou louca, que é melhor eu fazer outro curso, questionam se vou estudar mais para ser professor, e que devo fazer outro curso e deixar de ser professora. Não há, entre a maioria dos professores, uma visão de encarar a carreira e buscar melhorar, na busca de uma pós-graduação, de trabalhar em outra etapa da educação ou por melhoria na carreira e até salarial. Eu gosto da Geografia e vou continuar na área de Geografia urbana, tenho intenção de prestar outro concurso público, mas no campo do ensino superior, não necessariamente a UFU.

### TRANSCRIÇÃO 3

Eu tenho trabalhado e adequado formas de avaliar o aluno. Na minha experiência, na minha prática de cada dia eu vou usando, melhorando, adaptando, conforme a turma. Eu tenho uma forma de avaliar que eu não sei se estou correta, mas penso assim: a Geografia é uma disciplina que, se você fica bem inteirado e lendo coisas boas, lendo bons autores, dá para se tornar uma pessoa bem informada e dá para passar no ENEM. Então eu faço o máximo para ajudar o aluno, por mais que ele esteja desmotivado, que não goste de Geografia eu tento trazê-lo para mim e ajudá-lo. Eu dou muitas atividades em sala de aula porque eu acho que a gente aprende fazendo e digo para o meu aluno que aprender é como andar de bicicleta e, se ele não tentar, mesmo que caia às vezes, não aprende. Dou nota em caderno e passo tarefa no quadro. Eu sou antiga, dou tarefa nada complicada mas que o aluno tem que saber; como a Matemática, a Geografia tem seus pré-requisitos, e como já trabalhei desde a 5ª série até o 9º ano e o ensino médio, então eu acho que o controle do caderno, avaliando o caderno eu ajudo o aluno. Eu tenho um controle no meu caderno de todas as atividades que o aluno desenvolve na sala de aula comigo e em casa. Esses dias na escola um professor novo ficou encantado com a minha forma de avaliar e eu fiquei feliz, pois eu não era tão organizada como agora. Eu dou nota no caderno, dou prova de consulta, tiro dúvidas, e fico preocupada se isto é bom, pergunto até para minha filha, pois ela estuda em escola particular, se eu estou de acordo, pois eu tento dar o máximo de mim. Quando o aluno me pergunta, antes de explicar direto, peço para ele procurar no livro e depois me falar, eu dou palavras-chave. Por exemplo, nós estamos trabalhando os conflitos do oriente médio e um aluno me perguntou o que é alcorão; eles não lêem, mesmo que você peça, então se você for lá, ao lado dele, e apontar no livro ele lê. Tento tirar ‘água de pedra’ e na maioria das vezes eu consigo. Como estou na estrada há muito tempo, às vezes eu encontro meus ex-alunos e eles me dizem que perderam tanta coisa, não aproveitaram. Outros me contam que estão em outra escola, como a escola MP, e me dizem que receberam elogios e a professora perguntou quem tinha sido a professora deles aqui. Isso para mim é importante, e eu fico feliz e continuo tentando melhorar.

Este ano estou com todas as salas do 2º colegial e estava trabalhando a questão do transporte; neste momento eu estava com medo de dirigir em Uberlândia e ao mesmo tempo a televisão estava mostrando o debate do uso da bicicleta, a questão da mobilidade e a melhoria do fluxo de carro, a questão da poluição ambiental. Os alunos fizeram pesquisa na rede Internet. Nesse contexto eu passei as ideias para um projeto junto com o prof. de História e a gente programou um passeio, que foi possível ser feito a pé com os alunos até o rio Uberabinha.

Eu estou junto com o outro professor de Geografia num projeto que faz parte do projeto político-pedagógico da escola e recebe verbas, embora não saiba se chegaram os recursos. Tem o projeto da fanfarra, depois veja com esse professor, que está mais inteirado.

No ano passado nós levamos os alunos em Peirópolis, no município de Sacramento, para um contato maior com os antropólogos e as descobertas dos fósseis de dinossauros. Levei os alunos ao shopping, à fábrica de Coca-Cola. Teve também uma paródia que os alunos fizeram sobre o tema do lixo e saiu muita coisa muito boa. A escola ajudou e deu tudo certo. Se fizer o projeto direitinho dá para levar em campo para estudar Geografia. Mas este ano focalizei a sala de aula, o 2º colegial e o turno da tarde, pois tenho o 9º ano do fundamental a tarde.

A escola era uma periferia dura, a escola foi conquistando as coisas, mas esse ano eu me dediquei a atender as demandas da sala de aula, pois fiquei muito ausente. Fiz uma cirurgia de vesícula e tirei férias prêmio, então foquei as minhas condições e as da sala de aula. A escola é muito boa, o pessoal é muito humano e eu faço por onde. Sei que tem um trabalho em andamento entre os professores de Geografia, da História, da Filosofia que vai ser desenvolvido o ano que vem quando chegarem as verbas.

Mas a comunidade não é muito presente. A presença dos pais não é frequente e muitas vezes, quando você vê os pais, você entende por que o filho é um aluno do jeito que é. Às vezes a mãe aparece na porta da escola para brigar com a aluna que brigou com a filha dela, criam intrigas e há até brigas entre pais e alunos. Isso acontece. Mas há pais mais presentes, geralmente são aqueles que os filhos são

dedicados; você vê que tem uma família por detrás dando apoio. Tem alunos muito bons, são alunos que irão para UFU, são interessados, educados que vale a pena!

Embora não interfiram, me deixa chateada, questões do salário, como agora a falta de pagamento do prêmio por desempenho, o chamado 14º, que o governador não deu satisfação e eu e muitos estávamos contando com esse dinheiro. Eu falo para os meninos me policiarem para eu ser melhor a cada dia. Converso com minha filha e me corrijo, pois sou da geração crítica, eu quero sempre o melhor. Minha teoria de vida é assim, se eu puder te ajudar, beleza; atrapalhar jamais. Se eu posso ajudar os alunos eu não invento nota, mas facilito; se ele tenta, eu reconheço, pois os alunos são importantes, sei o nome de todos. Tenho paciência, eles pedem para trazer o dever atrasado e eu consinto, pois se eu fecho a porta agora, no final do ano eu tenho que abrir! Esse problema eu evito e se o aluno está correndo atrás, é um bom cidadão, ele resolve. A direção e o governo cobram e eu não quero ficar pagando, atrapalhar a vida de um menino, eu não dou de graça.

Essa escola tem algumas circunstâncias melhores, mas poderia ser melhor. Nosso trabalho é limitado, na minha visão, por falta de uma direção mais rígida, em relação à família, a horário, aos alunos, mais controle e, se a direção fica meio frouxa, os alunos começam debandar. A disciplina não é só eu na sala de aula; a disciplina, a postura, a atitude é um todo. Embora tenha um bom supervisor para olhar isso, não há espaço físico para desenvolver uma atividade diferente com os meninos. Você sabe como é o estado, a escola tem poucas pessoas para problemas demais. A chuva prejudicou o teto da biblioteca e muitos livros e a televisão foram molhados, até as salas de aula tem goteira. A reforma é uma promessa e dizem que a verba está disponível (quase \$400 mil), mas a própria Delegacia, Superintendência Regional, não sabe como encaminhar. Tudo que fazem volta. Não há informações sobre a infraestrutura e não sai a aprovação do projeto. Os alunos solicitam aulas com vídeo, mas eu estive na biblioteca e conversando com a responsável; não dá para desenvolver atividades com filmes porque preciso da TV, do vídeo, mas perdeu-se a televisão com a chuva. O esquema era usar a parede para exibir o retroprojetor e os vídeos. Houve capacitação para usar essas tecnologias, mas nem todos os professores podem participar e o repasse das informações ou do que aprenderam é complicado e nem todos sabem montar ou têm tempo para organizar os aparelhos para utilizar. Na prefeitura há mais respaldo para o trabalho, mais apoio pedagógico, menos alunos por sala. No estado, as escolas estão sempre em condições precárias, não é só esta; os colegas de outras escolas também reclamam de coisas parecidas. Assim, as condições são muito frágeis.

Tem alunos que são difíceis e acontece cada coisa que você não sabe o que fazer. Você busca socorro, às vezes eu até procuro a supervisão, mas quando chego lá vejo tanta gente e tanto problema que dou uma volta, esfrio a cabeça e vejo o que dá para fazer, volto para a sala. Eu tenho que saber usar as palavras, saber como falar com o aluno, pois a coisa está pegando, a droga faz parte dos problemas do entorno da escola e tem outras coisas.

A escola pode ser de referência, mas não tem tratamento especial para alunos que não acompanham a aula. Esses alunos, você está explicando e eles levantam a mão, você diz: 'pois não', entusiasmada, achando que ele vai perguntar alguma coisa do assunto da aula, e eles dizem: 'professora me deixa sair e ir ao banheiro'. Às vezes você está fazendo um debate e isso corta a sequência de escutar um o outro, o que os alunos estão pensando. Embora fique chateada, pois a direção cobra notas que estão em vermelho, aulas diferentes. Esses dias não foi só comigo, mas chegamos à sala de aula e os alunos estavam jogando baralho. Isso chateia, pois você prepara sua aula, se dedica, dispensa tempo para pesquisar e levar coisas diferentes para os alunos e depois chega lá e encontra diversos problemas, desde não te escutar como te criticam. Se vão para a direção, eles se recusam a assinar a advertência e você não pode fazer nada! Mas o que deixa a chama acessa é que, depois que eles saem da escola, eles se lembram das nossas atividades. No começo do ano entram em média 40 alunos em cada sala do ensino médio e agora, outubro para novembro, nós temos em média 30 alunos.

O que eu vou ensinar para cada turma e em cada turno muda. O que faz eu mudar é o aluno e a sala. Eu dou visto no caderno no ensino médio e isso me desgasta, mas eu preciso, passo no quadro, tiro dúvidas, corrijo e dou nota. Se não der certo, eu passo no quadro um tema para que o aluno faça outra atividade, não adianta passar dever para fazer em casa, eles não fazem e eu me desgasto, então desenvolvo atividades em sala e supervisiono. Assim eu consigo tirar leite da pedra. É desse jeito.

Como eu tenho adolescente, eu sou mãe e depois sou professora, então eu não dou trabalho para eles fazerem em casa e em grupo, pois sei o que pode acontecer fora da escola. Eles se reúnem em casa e muitas vezes os pais estão trabalhando e aí eu sei de aluna que ficou grávida assim. Sei que muitos professores não consideram essas situações. Assim, eles tiram dúvidas em sala. Eu gostaria muito que os alunos me bombardeassem de perguntas, mas isso não acontece, eu fico frustrada.

Essas avaliações institucionais eu acho que não me influenciam em nada e de maneira geral eu acho que é mais uma coisa do governo. Mas a gente não se inteira muito, não estou muito interessada, eu sigo o meu trabalho com o aluno. Eu, na minha proposta, dou o melhor de mim e me dedico a ver o que o menino tem que saber de Geografia no seu dia a dia para entender o mundo. Essas medidas não me influenciam.

As medidas institucionais que rondam a escola, o meu trabalho e os alunos não me afetaram muito. Acho que eu já trabalho de acordo. Eu procuro trabalhar no conteúdo a realidade do menino e em cima do que eu acho que o aluno vai precisar no dia a dia e trabalho com coisas que, quando ele precisar, ele vai saber procurar e se virar, correr atrás do prejuízo; isso tudo acaba servindo para o vestibular.

Nós nunca fomos cobrados pela direção, eu e o outro professor de Geografia no ensino médio, embora tenhamos aulas e metodologias diferentes em sala de aula. Eu, como professora de Geografia, acho que é importante o aluno saber o que estamos vivenciando hoje no mundo, as questões de conflitos, questões econômicas e políticas, ele entender e se posicionar, saber e ver por que está tendo essa confusão nos países árabes. Eles, por causa da mídia, ouvem sobre os conflitos na Europa, aqui no Brasil, sobre essa intolerância com os homossexuais.

Só tem Geografia no 1º e 2º colegial na escola, então eu trabalho a interdisciplinaridade, com o tema meio ambiente e o lixo, e o conteúdo específico, da população, da globalização e outros. Eu atendo a demanda que acho que o aluno precisa, mas não preciso me preocupar com o que o governo quer. A escola vê que eu estou atendendo o que é importante. Eu nunca fui chamada para ouvir que eu não estava atendendo a escola.

Eu creio que com o conteúdo você chama a atenção de alguns alunos. Os alunos que não acompanham, tem jeito de fazer alguma coisa, pois nada é impossível. Eu tento, mas eu sei que nem sempre consigo. Se tivesse tempo e mais alguém para suporte, fora da sala, para mudar os conteúdos, as atividades. Eu acho que a universidade também deveria mudar. A mídia fala do planeta Terra, da Argentina e outros temas numa linguagem que me permite planejar. Eu assino a Veja (que abaixou o preço) e faço outras leituras, pois a escola não tem muita coisa. Tem coisas na biblioteca que podem me ajudar, mas o tempo e o clima da escola... a gente termina a aula e sai correndo. A escola é muito barulhenta e o espaço inadequado. Sabe aquela coisa de 'puxadinho' [cômodo construído para atender uma necessidade e depois outro para outra necessidade], pois é, a escola foi adaptando suas salas para resolver o que não resolve. Eu me dispus a trabalhar as novas tecnologias, mas não chegou o data-show, e precisava de alguma formação nesse aspecto, pois eu estou aberta a tudo.

Quando quero e preciso estudar algo novo, eu vou atrás. Fui até a escola da minha filha, pois a diretora foi minha colega e pedi socorro. Ela até me deu algum material, como a apostila do Promove. Mas vi que eram muitas atividades simples, muito pouco. São exercícios.

Tivemos uma palestra muito importante com o autor de livro didático e ele contribuiu conosco falando da Geografia hoje na escola. O livro didático facilitou quando ouvimos o autor dele.

O bom foi o site do portal do professor; aparecem os programas que são flexíveis e você vai adequando o currículo, tem textos e dá para você adaptar com o livro didático. Aí eu mudo algumas coisas pelas condições do que ocorre, como agora sobre o debate das energias, e o que o aluno precisa.

São muitas coisas, mas, na minha estrada no magistério, na minha prática, eu defini algumas coisas que levo como importantes para não ficar perdida entre CBC, PCNs, UFU e outras coisas. Eu mudei num ano inclusive o planejamento. Você pode até ver no caderno do aluno a alteração do planejamento anual e este trabalho em que eu registro o meu planejamento, anual e de cada dia de aula. Aqui está em um dos meus cadernos o que o aluno tem no caderno dele e eu mostro para o aluno o que está posto para trabalhar; anoto tudo, olha: cada atividade tem o nome do aluno e o que ele fez.

Todas essas anotações eu mostro para o pai quando é preciso, pois assim eu me organizo, o aluno vê que está ali o que ele faz, acompanha, e eu tenho respaldo para qualquer coisa que possa ser cobrada. Isso eu aprendi com a minha experiência. Foi importante planejar o programa e está colado no caderno. Mas eu mudei a sequência que está lá para atender a energia, um assunto que está em pauta e o aluno está falando dele, então eu pulo aquele item para atender essa demanda que o aluno está vivenciando.

Quando saí da universidade não sabia nada, sei que tenho muito para aprender. Lá não aprendi a lidar com aluno, a motivar o aluno, a lidar com a indisciplina da sala de aula, como motivar o meu aluno.

Eu fico triste às vezes porque a minha aula gera um pouco de indisciplina, pois eu gosto de perguntar as coisas para os alunos e deixar eles falarem e isso gera um tumulto na sala; os alunos, uns prestam atenção, mas outros querem fazer outra coisa, não querem prestar a atenção e eu tenho que avisar a direção que é assim. Já tive alguns impasses por ter essa maneira de dar aula, porque gera barulho e a movimentação deles, um aluno quer prestar atenção, a menina quer passar batom, outra mexe no espelho... nossa senhora! Mas eu fico feliz quando eu pergunto para o aluno, focando uma coisa, e o aluno responde ou o outro participa.

O que eu trouxe da universidade deixa muito a desejar. Por exemplo, sei que eu tenho dificuldades com a Geografia física, então eu preciso estudar para acompanhar os alunos mais de perto. Eu era uma aluna com muita dificuldade e uma professora me disse que eu precisava ler mais. Isso me ajudou. Então passei a ler, e ter firmeza, pois se eu tiver domínio de conteúdo, os alunos respeitam a minha aula. O conteúdo que eu sei eu me dediquei a aprender, mas faz muito tempo que me formei, e é a experiência que foi me ajudando e estou aberta, sou uma professora à antiga, vou me aposentar breve (talvez dois anos).

A formação acadêmica da Geografia não foi tanto no conteúdo que me ajudou, mas o contexto da Geografia crítica ajudou a ver a realidade do mundo. Eu tive uma criação muito rígida, sou a caçula de 16 filhos, vivia num mundo fechado, na família eu fui poupada e nunca passei necessidade, a minha realidade era restrita. No momento que estava na faculdade saí do mundo 'todo' azul, a universidade me deu esse toque, me deu asas.

Mas tive outras experiências marcantes na sala de aula, e ela é o lugar que forma os professores, ensina a lidar com tudo da vida que os alunos colocam. Os depoimentos dos alunos me ajudam. Encontro muito com os ex-alunos e eles me dão depoimentos sobre a vida na escola, o que me ajuda a pensar.

Digo para eles que não querem se envolver com o estudo que eles vão ser trabalhadores do Bretas [rede de supermercado instalada em vários pontos da cidade e que emprega em condições precárias], trabalhador 'escravo'. Mas para alguns o que vale é o salário e aí é difícil argumentar com a relação da necessidade de entrada no mundo do trabalho para dar conta da vida.

Com o ensino médio o aluno vai arrumar trabalho, e a Geografia contribui. Para a cidadania, a questão do mundo ajuda. Eu fui explicar o que era taxa de fecundidade e o aluno falou 'é a mulher do cara'. Aí eu parei para mostrar o jeito de falar, de quem se está falando, são valores que eu acho importante trabalhar com os alunos. Pego esses ganchos porque acho que os jovens precisam saber falar namorada, garota, não é só 'ficar'. Eu venho de uma família de muitos filhos, o meu irmão que teve mais, foram quatro e eu só tenho filha. Então converso sobre sexo, quando falo de taxa de fecundidade, explico o que é, mesmo sabendo que ele, no 1º colegial, viu isso em Biologia. Tenho muito caso de namorado, então falo de namoro, e digo que sou uma leoa com as minhas alunas e passo por eles, digo: menos, menos! Fico feliz de saber que alguém pode fazer isso pela minha filha, então sou mãe e não dá para ser professora omissa.

Hoje, se eu tivesse que fazer uma formação para me ajudar, penso num tipo de formação mais de suporte para as minhas práticas, conteúdo com metodologias, técnicas mais interessantes, para me ajudar a dar aulas mais interessantes, como oficinas. Eu até encontro nos livros e leio, mas fazer um curso na prática é outra coisa, o resultado é outro. Eu estou aberta a aprender e gosto de trocar. Gostaria muito. Eu leio e assisto a TV Senado, TV Escola, TV Cultura, muitos documentários e isso tudo me ajuda no conteúdo, até tem algumas técnicas, mas eu queria, eu tenho seis salas de 2º ano,

lidar com salas que são diferentes. Há salas mais receptivas, a última aula do turno é mais difícil, tudo influencia. Numa sala dá certo, numa outra não dá. Uns não querem formar grupo, outros a gente chega, planeja a aula e chega com aquela ‘chama’ de entusiasmo e ela se apaga. Apesar de que eu estou preparada para isso, mas há frustração.

Ser professora, primeiro tem que gostar da disciplina, e eu gosto, sou apaixonada. Minha filha sai e volta e eu estou me dedicando aos estudos sobre a Geografia, ouvindo, por exemplo, na TV Senado, a comissão de relações exteriores, o Fernando Color de Mello preside e sobre suas atividades há vários professores, PHDs dessa área que emitem seus pareceres, suas ideias que me interessam e eu fico ouvindo horas na televisão. É importante gostar de estar no meio de adolescente, no meu caso, é estar próximo. É doar um pouco de si e estar bem informado. Veja, o ETA levantou a bandeira de novo e uma aluna trouxe a Folha de São Paulo com esse conflito da Europa, falando dos Bascos, e ela pesquisou sobre o que nós estamos falando, dos conflitos na Europa e na Ásia. Às vezes eles ajudam a fazer a aula diferente e eu me cobro muito, quero melhorar cada vez mais. É preciso estar preparada para situações como a que eu fiquei chocada, quando fui dar uma prova de olimpíadas da matemática e a aluna deixou a prova do jeito que eu coloquei na carteira. Enfim, se a matemática é assim, imagina a Geografia! A maioria nem abriu o caderno da matemática. Fiquei assustada, e veja que estou na estrada há muito tempo.



## TRANSCRIÇÃO 4

Na maioria dos trabalhos que eu desenvolvo não existe a participação de outras disciplinas e eu desenvolvo sozinha, infelizmente não há socialização. Eu trabalho muito com mesa redonda, com debate e com socialização de entrevista. A partir de um conceito, peço aos alunos que entrevistem pessoas que já estudaram mais do que eles e expressem a compreensão que têm desse conceito e, depois, em sala, nós socializamos. Por exemplo: desenvolvimento sustentável. Eles perguntam para as pessoas o que é desenvolvimento sustentável. Eles socializam em sala de aula o que encontraram como respostas e percebem que as pessoas que estudaram mais sabem melhor dizer o que é isso. Questionamos o que disso é levado na prática, que encontramos na vida. Procuo relacionar o conceito com a vida prática. Volto as questões para a vida cotidiana deles, envolvendo questões como: onde vocês já ouviram falar sobre isso? Deem exemplos. Quem já comentou sobre isso com vocês, por quê? Isso acontece de verdade ou só está aqui no papel [livro didático ou texto]? Durante essa aula, há que se ter ‘jogo de cintura’ antes, durante o seu desenvolvimento, obedecer ao tempo previsto e estar atenta a tudo, antes, durante e depois da atividade para o fechamento do tema junto com os alunos. Acho que esse tipo de trabalho é mais viável, não é a teoria e sim a prática, por que é isso que eles levam para a vida. Em todos os conteúdos que eu desenvolvo eu tento algum trabalho prático com os alunos. Mais do que isso, infelizmente, nessa escola não tem sido possível.

Não há ajuda do governo, nem há algum tipo de parceria com a prefeitura. Quando há alguma atividade é parceria com empresa, e assim mesmo é raro e atende ao interesse do conteúdo de um professor que procura essa empresa. Para isso a iniciativa tem que partir de mim, eu tenho que me dispor, propor para a direção. Tenho que me locomover em busca da empresa ou instituição, por minha conta, meu tempo e disponibilidade para agendar e ser atendida numa empresa para me auxiliar em algum tipo de trabalho que essa empresa tenha também interesse. A universidade também não vem à escola oferecer qualquer parceria. Também somos nós que temos que ir até ela. Acaba que as condições da vida de professor não comportam também gerir parcerias e nem o estado faz esse papel.

A escola está sem condições de passar um vídeo sequer, pois a sala de vídeo virou sala de aula. A escola abriu uma turma a mais e não tinha sala, então, foi-se a sala de vídeo. Para atividades que preciso mesmo, eu trago o DVD da minha casa, a televisão carrego, mudo a TV de sala em sala. Com isso a gente perde tempo do horário, que já é pouco. O estado não te dá estrutura nenhuma. Assim, as atividades do meu trabalho são extremamente restritas, ficam restritas à sala de aula. Porque a escola não oferece o que atualmente é necessário. Antes um professor de Geografia podia até ficar com o quadro e o giz, os alunos podiam até se contentar com isso. Hoje essa situação não chama a atenção do aluno, não promove uma aprendizagem. Mas é isso que o estado oferece para nós: quadro e giz. O estado aprovou licitação para construir o teatro da escola. Mas a defesa civil interditou. A escola teria anfiteatro e laboratórios. Hoje você entra dentro desses cômodos e o que tem lá é uma pilha de caixas com computadores, entulhados com cadeiras e mesas. A defesa civil condenou e as paredes estão caindo, há necessidade de avaliar a licitação que foi realizada pelo estado. O laboratório de informática não pode ser usado, está fechado, ninguém usa. Tem o laboratório de artes, de química e o de física, o anfiteatro e a quadra de esportes. Tudo está condenado. Está tudo interditado. A direção da escola entrou com uma ação no ministério público. O dinheiro vem para pagar quem ganhou a licitação mas o estado não fiscaliza essas obras. Nessa situação cobram do professor um trabalho diferenciado! Cobram resultado de coisas que eles não oferecem.

Também não há ajuda para trabalhar com as tecnologias. Nenhum professor aqui tem uma formação em informática para coordenar o laboratório de informática! As coisas estão lá, mas não há infraestrutura para usar. Por exemplo, a escola tem dois data-show, mas onde eu vou usar?

A coisa é tão contraditória, é verba pública mas não tem um fim desejável. Veja a quadra, nem foi inaugurada e já tem solicitação de licitação para reforma. A qualidade da obra do governo é horrível.

A condição de trabalho é essa. Tem coisas mas não se pode usar. Mesmo assim, trabalhar numa Escola Referência ainda é melhor que naquela que não é. Numa escola que não é referência, como a IC, contamos apenas com o quadro negro, que, por sua vez, está tão gasto, destruído que nem quadro nós temos e, então, usamos metade da parede.

Pela manhã somos treze professores e o único espaço que temos é a biblioteca, por isso o uso dela é extremamente disputado. Os alunos já perderam, porque se um de nós professores estiver utilizando a biblioteca, os alunos não podem usar.

Tem muita coisa chegando e, quando se colocam metas, o governo, por exemplo, o plano interdisciplinar, isso gera polêmica dentro da escola e desentendimento entre as pessoas. Vamos supor, eu sou autora de um projeto que envolve todas as disciplinas. Eu faço a minha parte e o fulano de outra disciplina não faz a dele, outro não acredita no trabalho, não há coordenação de fora e não há como um professor ser mandado por outro. Isso gera rivalidades entre os colegas e, no final, não funciona. No dia da culminância do projeto ambiental, entre os dez envolvidos fica um com tudo, sobrecarregado, e os demais olhando e isso gera situações que desmotivam. Acaba que não há interesse.

O meio ambiente é um tema transversal, segundo os PCN, e por isso tem que ser desenvolvido junto com algumas disciplinas e aí você tem que criar o projeto. Você cria o projeto e vem a verba do governo para o projeto, mas não tem tempo e só um ou dois se envolvem com o projeto. Não digo direção da escola que atende ao seu papel, não falta. Mas falta coordenação. No nosso trabalho não há envolvimento de um coordenador, para agir, para supervisionar. Acaba que você faz, se sobrecarrega e os demais ficam livres, você dá um jeito, assume todas as tarefas, e apresenta o trabalho. Depois, pela exaustão, não quer saber de mais nada, desmotiva fazer outro trabalho.

No final o trabalho nem sempre vale a pena, há sempre críticas destrutivas, pois a situação de um projeto sai da rotina e da organização cotidiana da escola. As coisas não são como na sala de aula que você controla a sala. Infelizmente a maioria dos professores tem aquela visão de que barulho é indisciplina, aí o professor que se envolve com o projeto acaba por se envolver com o barulho, e é considerado ruim. Esse tipo de projeto que envolve várias disciplinas, ele desestrutura a ordem da escola, não haverá alunos sentados quietos. A movimentação incomoda muitos professores. A principal questão é que somos diferentes e a maioria quer que sejamos iguais! Eu mesma já fiz muito trabalho aqui na escola e eu cobrava a parte de cada um, pois não havia envolvimento e acabei sendo chata. Mas o governo manda (pelo GDP) escolher um professor como coordenador que tem que distribuir tarefas. E os professores não fazem, não trazem suas tarefas, e o coordenador acaba fazendo a tarefa de todos, porque tem prazo para cumprir, se não o dinheiro não vem e você acaba deixando sua vida pessoal de lado para terminar e enviar. Na hora que vem outro projeto, as pessoas não querem entrar. Essas tarefas são por etapa e recebemos por internet. Você coloca um projeto no GDP e tem que seguir passo a passo, tem o prazo e as tarefas que eles mandam para a escola pela internet. As tarefas são de acordo com o conteúdo, mas o professor não tem motivação, porque é trabalhoso demais e não tem tempo disponível. Tem que abrir mão de muita coisa. Em seis horas por mês você não organiza um projeto com o envolvimento dos professores de diferentes conteúdos. Embora eles paguem por seis aulas, se utiliza muito mais que seis horas. É o coordenador que recebe e não os demais, então os outros não têm motivação para realizar ou participar. Não há motivação, só desgaste muito grande.

Eu desenvolvi um projeto do GDP e foi exaustivo, eu trabalhei de manhã, à tarde e à noite para dar conta porque envolve a escola toda. No dia da culminância do projeto, depois que você fala tanto em meio ambiente, víamos práticas que não condiziam com o projeto!

A escola ainda não conta com um corpo docente em que todos sejam licenciados. O estado autoriza profissionais liberais ou alunos universitários da área de exatas a assumirem aulas, mesmo que eles não tenham cursado disciplinas de estágio supervisionado ou prática de ensino. Esses profissionais, independente da competência de cada um, carecem de conhecimento sobre escola e maior envolvimento com a educação.

Há um despreparo dos professores. Fico extremamente estressada por isso. Desmotivada profissionalmente. Penso que passei cinco anos na faculdade para me licenciar e ser professora e agora não é preciso nem ser professor. Como não se encontra professores de certas áreas para serem substituídos, por exemplo, há muita licença por estafa mental, o estado autoriza pessoas com até o 2º grau a dar aula. É tarefa para qualquer um! O governo não tem um levantamento real para saber quem realmente dá aula na rede, se tem ou não licenciatura. Para uma boa parte dos professores que não têm

licenciatura, dar aula é só um bico, pois quando ele se formar ele larga essas aulas e assume a profissão. Como uma pessoa vai se envolver com o que não faz parte da vida dela? Não vai entender a importância de um projeto interdisciplinar para a educação.

Quando o governo pensa nesses projetos para a gente realizar na escola, precisa ver quem é o público que vai desenvolver esse projeto. Isso precisa ser analisado. Não se tem mais professores, eles estão desmotivados e não é só por causa do salário, embora seja o principal, mas a estrutura, a falta de apoio da comunidade. Enfim, há um abandono desse trabalho ou ele é ocupado por outros que não são professores.

O que há de positivo em trabalhar numa Escola-Referência, o que há de bom em dar aula aqui é o fato de que aqui o governo nos testa e nas outras nem tem isso. Por exemplo, vai se lançar um projeto do EJA. Se der certo aqui, as outras escolas têm, se não der, as outras não têm, acaba nesta escola. Ou seja: a gente tem a chance de testar e ver o que dá certo e as outras escolas nem isso! A gente tem a oportunidade de mudar e as outras escolas nem isso têm. É pior porque nem esse mínimo o governo oferece. Mas nós temos o laboratório fechado, que nunca usamos.

O perfil dos alunos desta escola vem mudando principalmente por causa do PAAES, desde 2009, e isso melhorou. Quando era PAES não era tanto, porque não era tão divulgado, mas o PAAES sim. Eu percebo que hoje temos muitos alunos que saíram da escola particular e vieram para a escola pública visando esse exame. Isso melhorou a qualidade do ensino porque um puxa o outro. Eu costumo dizer que se puser muita gente ruim numa sala de aula, ela vai puxar para o lado ruim. Se tiver um aluno ruim no meio de muitos bons, a probabilidade de ele melhorar é maior. Acho que está acontecendo isso, está melhorando. Os alunos que chegam e são bons despertam o interesse dos outros alunos de melhorar. No ano passado esta escola aprovou muitos alunos para a UFU. Isso porque eles vêm de manhã para a escola e à tarde vão para a particular, fazer pré ENEM ou o pré PAAES, e porque o PAAES só aceita aluno da escola pública. Eles não estão aqui por acreditar que aqui se ensina bem, porque tem qualidade. Eles estão aqui porque visam o PAAES. Quando sai a divulgação das melhores escolas públicas, neste ano ficamos em 6º lugar no PAAES, os pais colocam os filhos aqui de manhã e à tarde nos preparatórios para o ensino superior.

Sigo os PCNs. No começo do ano o planejamento é feito em cima do CBCs. A gente tem as metas nesses documentos e segue da forma que é possível, com duas aulas por semana e às vezes sem nenhuma aula por semana.

Quando eu avalio a qualidade dos alunos, acho que o objetivo do estado (CBCs) é bom. Se a gente juntasse o PCN e colocasse em prática, isto é, se tivesse condições para fazer isso, seria muito interessante. As condições que me refiro são a carga horária, principalmente, pois é muito reduzida para um conteúdo muito extenso. Sem contar que os alunos chegam sem condições de de pronto introduzir o conteúdo. Eles mal leem ou escrevem por causa desse PAV. Se você vir a qualidade do aluno, eles são semi-analfabetos, mal escrevem e lêem. Aí o PCN escreve para desenvolver habilidade de criticidade sobre o tema proposto e o aluno não sabe nem o que é ser crítico, como fazer crítica! Sequer tem vocabulário para entender o que está escrito no texto. Então o governo faz o PAV e o aluno chega no ensino médio e temos os PCNs. Se a gente tivesse um público de acordo para receber os PCNs, seria lindo! Mas o nosso público não é esse. A demanda do aluno é outra. Eu gosto dos PCNs, mas não temos público e condições de trabalho para isso. Você entra nas salas de 1º colegial e eles não sabem nada de Geografia, nem sequer o básico. Então tenho que rever conteúdo e quando eu chego no final do ano o conteúdo do 1º ano não foi atingido. O aluno vai para o 2º e não tem Geografia. Enfim, o aluno que os PCNs idealizam não existe. Ele não tem pré-requisito para desenvolver as habilidades que os PCNs propõem. Essa situação gera um mal-estar e é por isso que temos vários professores de licença, estressados, pois eles têm que dar o conteúdo para o aluno e o aluno não sabe. Isso acontece em todas disciplinas.

Não existe no estado um trabalho de continuação do PAV – Juntam muitos alunos fora da faixa etária numa mesma sala e jogam para a frente, em um ano eles concluem do 5º ao 8º ano (hoje 6º ao 9º ano do ensino fundamental). Em sala eu vou tratar conteúdos que eles não sabem e eu tenho que cumprir um planejamento. Volto a dividir o Brasil etc.... Dou uma acelerada, mas eles não interpretam um gráfico, não sabem ler o que está ali, choram quando têm que ler o mapa etc. Não conseguem ler e

entender o significado da frase: 70% da população é analfabeta. Rever tudo isso do fundamental como? Eu tenho duas aulas por semana no ensino médio. O que acontece com a maioria dos que não conseguem acompanhar, chegam com 15 anos no 1º ano e ficam tomando ‘bomba’ até a idade para ir para o EJA, à noite.

Eu mantenho o planejamento nas aulas e quando aparece algum aluno que reclama, que é muito difícil, a gente tem o módulo para esclarecer dúvidas. Só que não é dúvida que o aluno traz, é mais do que isso, é a base para entender a matéria. Uma coisa é tirar dúvida, outra é você ensinar a matéria inteira, que envolve o ensino da vida dele inteira.

Eu penso hoje que quem escreve essas orientações nunca deu aula ou não conhece alunos. Os alunos não estão preparados ou não acompanham. Mas há público que acompanha e não se pode separar, pois isso fere a inclusão. Então o que você faz com os bons alunos? Não dá para separar de sala, a lei não permite

O professor pode agrupar os alunos que não estão indo bem e montar uma turma extraturno composta, por exemplo, por alunos dos seis primeiros anos. O estado permite isso desde que se monte um projeto para essa turma justificando que eles não sabem Geografia. Mas aí vem a questão: em que horas vou fazer isso? Vou fazer um trabalho que vai atrapalhar a minha grade horária, o meu trabalho em outra escola e, além disso, não há sala disponível para esse trabalho.

Hoje penso que um curso de formação tinha que pensar no conteúdo e nas técnicas de como ensinar e não em outras coisas. A escola merece o mesmo respeito que um presídio, teria que ter psicólogo, assistente social, para lidar com questões da escola, de relacionamento. O professor deveria receber formação para desenvolver técnicas de ensino, para segurar o aluno em sala, para desenvolver novas maneiras de ensinar. É o caso da inclusão. Como o professor vai lidar com o aluno se ele não sabe lidar com as especificidades de alguns alunos?

A nossa formação foi falha para aprender a lidar com alunos, para motivar ou lidar com indisciplina em sala de aula.

O ensino médio depende dos alunos e da instituição e do perfil da comunidade. Se você é formado na UFU e dá aula na periferia, onde a pessoa sequer têm alimento, é inviável falar em prosseguir os estudos. Ao contrário, se a comunidade e a escola têm estrutura, é possível pensar em prosseguimento em estudos, a escola se volta para isso. Acho que mais que a formação que o professor recebeu, é a comunidade que define se vai valer o prosseguimento nos estudos depois do ensino médio.

Do que eu aprendi na faculdade, é pouca coisa que a gente aplica em sala de aula. Se é um curso de licenciatura, o curso deveria ser voltado para o ensino de Geografia. Eu gostei muito de fazer o curso de Geografia, eu gosto muito do que eu faço, mas isso tem muito pouco a ver com o que eu estudei na faculdade. Por exemplo, pedologia, eu posso usar alguma coisa, eventualmente, em uma aula, uma vez por ano. Não preciso desse conhecimento, preciso do mínimo para dar aula desse conhecimento específico. Por isso é que o governo aceita colocar para dar aula no ensino médio um professor que no ano passado era aluno desta escola. Porque ele não precisa de um conhecimento específico.

A escola não tem o papel de família. O que o aluno aprende é o mínimo para ele poder se movimentar na sociedade. Aqui nós fornecemos informações sobre como funcionam as coisas para que ele saiba lidar com as situações. É claro que o ensino poderia ser mais prático. Tudo que você ensina, você pergunta: o que eu vou fazer com isso? Para que serve isso na minha vida? Saber usar o conhecimento para a realidade do aluno. Explicar para que e porque ele aprende determinadas coisas, para que vai usar. Não dá para ficar preso a livros.

A parte que mais dá para trabalhar com o aluno é a questão da cidadania. O ensino médio é muito voltado para quem quer continuar os estudos em faculdade, seguir o curso superior. Eu acredito que aqui nesta escola, por causa do nosso público, se tivesse uma escola técnica, ou colegial e técnico, teria mais aproveitamento. Digo isso porque meus alunos se interessam mais pelo Programa de Educação Profissionalizante - PEP do que pelo PAAES/UFU. O PEP é oferecido pelo governo de Minas para os alunos a partir do 2º colegial e os alunos acreditam que o PEP é uma oportunidade de trabalhar, e pensam: ‘posso até parar de estudar e ganhar o meu dinheiro’.

O ensino médio é longo e requer pré-requisito. Eu acho que o aluno para ir para o colegial, teria que passar por uma prova porque fica muito complicado nós recebermos alunos sem pré-requisitos.

Geralmente no ensino médio nós visamos o curricular mesmo. Nós nos orientamos para seguir o conteúdo, enfim, o vestibular. A gente não tem muito o que mudar, a gente nem pode mudar. Dependendo da maneira que a gente faz, pode até ser aceito fazer um trabalho diferenciado, por exemplo, você pode desde que você cumpra a meta estabelecida ou proposta para aquele ano do ensino médio. Esses pré-requisitos que temos que atender são para nós e não para os alunos! Aí eu fico pensando: o menino vai terminar o 3º ano e sem nenhum tipo de visão crítica. Não atende nem o primeiro princípio da Geografia. Não temos muito como decidir se o ensino médio vai servir para o vestibular, para o trabalho ou para a cidadania. Eu desenvolvi um trabalho com recurso de um filme e em uma das cenas uma pessoa roubava um pão. E um aluno do 3º ano, depois de ver essa cena escreveu: 'o cara assaltou o pão'. Então eu penso: como ele está lendo e interpretando e vai fazer uma redação?

## TRANSCRIÇÃO 5

Nós desenvolvemos duas atividades com os alunos muito interessantes: a caminhada e a Paródia sobre o tema ‘lixo’, que abriu a possibilidade de trabalhar várias questões.

A caminhada ambiental envolveu 500 alunos e professores de disciplinas diferentes e fomos até o rio Uberabinha no trajeto urbano, no Parque Linear da cidade que acompanha o trajeto desse rio depois que ele passa o grande clube da cidade, no clube mais famoso da cidade, o Praia Clube. Os alunos puderam observar o que já sabemos há muito tempo. Que após a passagem pelo clube, o rio continua poluído e que nas suas margens tem pé de manga, abacate e outras frutas, inclusive trechos dessa margem são gramadas, no que deveria ser a Área de Preservação Permanente – APP, uma recomposição do que havia nesse trecho da antiga mata ciliar. A APP virou trecho de caminhada e pomar. Para desenvolver a atividade, o recurso foi a empolgação dos alunos e o tempo dos professores, a disponibilidade de pensar o que fazer para não virar um simples passeio, e a direção nos apoiou.

Para este ano está previsto um trabalho de campo [que faz parte do GDP] que não vamos conseguir cumprir e nem até março. Então vamos devolver os seis mil reais que vieram do governo para esse propósito. Esse projeto no momento se torna inviável porque não temos tempo para ir a campo esquematizar a visita, reunir a equipe de professores, decidir onde vamos e apresentar proposta sobre o que é interessante para a equipe de professores e seus alunos e o que cada um define desenvolver como propósito.

Embora exista um trabalho colaborativo na escola, trabalho interdisciplinar, no caso com o meio ambiente, é muito envolvimento, trabalho e pouco tempo.

Nós na escola temos uma história profissional e de vida com os colegas, temos fortes laços de amizade e, embora haja diferenças, sempre nos demos muito bem e trabalhamos juntos sem ninguém prejudicar ninguém.

Trabalhar nesta escola ou em outra escola da rede não tem diferença. Essa coisa de Escola Referência é nomenclatura. Os projetos podem ser desenvolvidos em diferentes escolas, depende de outras coisas. Dizer que aqui as circunstâncias são melhores, isso não tem a ver. Quanto às atividades que as escolas do estado desenvolvem, por exemplo, ter um projeto é uma carga. Não tem remuneração. O tempo do trabalho dobra, é extra. Escrever um projeto, discutir com os colegas, requer tempo. Ter por princípio a construção coletiva é importante e demorado.

Os alunos têm dificuldades das mais diversas e tudo isso depende da sensibilidade do professor para perceber no contato com o aluno. Por exemplo, chegou um aluno transferido e logo os colegas da classe começaram a dizer que ele era “lesado”. Nós temos dificuldades de saber o que realmente se passa porque os professores de Geografia só entram na sala duas vezes por semana e por 50 minutos para menos. Então corremos atrás do professor de matemática e de português por eles terem mais aulas, quase todos os dias, e buscamos saber daquela turma para nos inteirar do que acontece. São dez turmas de 1º ano, entre outras que se juntam no recreio, e as coisas ampliam para a escola. Aí eu pergunto: onde está a inclusão? Eu mesmo respondo: no discurso. Inclusão é matéria de discurso. Um jogo que nós improvisamos na prática porque não há assessoria psicológica para o aluno (eu digo até para o professor!). Nós, todos e não só os professores de Geografia, não estamos incluídos e como vamos lidar com a inclusão? Até que nós professores de Geografia somos bons em driblar essas questões, temos uma visão crítica da sociedade que ajuda a nos posicionar, mas carecemos de profissionais para a escola que trabalhem o papel da escola e a frustração que isso nos gera. Chega professor sem experiência e é ele que fica “lesado”.

O princípio da sensibilidade entre os colegas é importante para atender os alunos que têm limitações. Eu ofereço mais oportunidades extracurricular para que eles consigam no mínimo alguns pontos para não ficarem para trás.

Acontece que esses alunos geralmente não têm uma família estruturada. A maioria é de família em ruptura. Para o pai, o mais importante é trabalhar e que os filhos trabalhem. Aí, ou eles trabalham depois da aula ou eles arrumam a casa e depois ficam na internet. Onde fica a escola para a família?

Toda essa papelada, todo esse material que chega não tem significado para mim. Até mesmo nós professores vemos essas coisas com descaso. Temos raiva porque condicionam mudanças no salário e a prêmio de produtividade quando nós sozinhos não fazemos o amanhã! Eu nunca ouvi um professor dizer que a Prova Brasil ou outras do governo serviu para alcançar resultado positivo aqui na nossa prática, na nossa vida cotidiana com os alunos. Posso dizer que ficamos felizes com o desempenho demonstrado, mas isso não muda nossas atividades e o jeito delas acontecerem.

A demanda que eu posso atender, e que está colocada institucionalmente, é a questão ambiental. A Geografia tem uma contribuição importantíssima para desenvolver esse tema e não pode e nem deve ficar de fora. Nós temos, na cidade e na rede do sistema do estado, excelentes professores de Geografia e a preocupação ambiental vem desde o tempo da nossa formação, quando em assembléia estudantil tiramos o nome do prof. Ireneu para nos representar na prefeitura, isso no final dos anos de 1980, e isso o levou a ser o 1º secretário do meio ambiente em Uberlândia, com o slogan: ‘O meio ambiente tem você no meio!’ Outra coisa que é uma demanda do aluno é pensar o trabalho que será uma atividade do aluno no futuro (e de todos) e como atividade humana, espacial e histórica. Eu desenvolvo o conteúdo casando indústria e agricultura, pois aí pode servir para o aluno se situar no mundo do trabalho. Sabe como é, o aluno tem o direito de saber que o emprego e o desemprego não são coisas naturais. Eles precisam conhecer as contradições do mundo do trabalho, o mundo em que estamos metidos. Assim eu acho que damos conta da demanda do aluno, ajudando a participarem do mundo do trabalho com mais consciência.

Sabemos que nem sempre os alunos têm condições de dar conta de absorver tudo que está escrito que ele deve desenvolver e, então, nós temos que recuar com o conteúdo, em quantidade, selecionar para que seja possível eles compreenderem menos quantidade e melhor. Isto se deve também porque nós temos alunos do PAV, e aí o governo põe esse aluno cheio de dificuldades e problemas para a frente, nas séries seguintes, mas não propicia a eles um tempo para assimilar e eles não sabem escrever. Então, se eu peço um relato, ele não vai conseguir escrever, se eu pedir para ler, ele não sabe. E o tempo corre e é pequeno para mim com duas aulas e para ele com todas as demais disciplinas. O que eu faço é recorrer ao diálogo, uma aula expositiva que permita a ele pelo menos entender o que e do que eu falo e poder compreender e pensar um pouco, tudo oralmente.

Outros alunos são imaturos. Veja que eles chegam com 14, 15 e 16 anos e por isso não têm maturidade para definir o que querem. Embora a escola demonstre ter boa participação no ENEM, muitos deles não sabem o que é ou será isso.

A formação em Geografia não me deu estrutura para lidar com alunos. Não existiu nada que me levasse a pensar em motivar alunos; para mim isso não existia. Nem mesmo nada me ofereceu para lidar com a indisciplina.

Às vezes eu fico pensando no tempo da formação. A formação é um momento de ideais. Fazia Estudos Sociais e com o fim desse curso, com os créditos obtidos, optei pelo curso de História e depois também fiz o curso de Geografia. Eu sou apaixonado pela Geografia. Havia diálogos com alguns professores e, de alguns eu não esqueço, era possível saber com eles coisas que nos intrigavam e não estavam nos livros, por exemplo a Rússia, a União Soviética. Hoje, por mais altas que sejam as reflexões sobre a ‘primavera árabe’, sabemos dos nossos ideais desde muito antes, e poderemos pensar melhor sobre o ‘inverno árabe’. O conteúdo é fantástico, é político. Mas a Geografia é positiva. Não me esqueço do entusiasmo dos professores, mas eles podiam até se preocupar com o que e como ensinar, mas não tinham clareza do que é a escola e muito menos a escola de hoje.

A minha formação em Geografia não propiciou debates sobre o ensino médio, para que servem as aprendizagens em Geografia etc. Aliás, na Geografia não se desenvolvia no aluno uma aprendizagem sobre a discussão. Sim, pois discutir é um ato intelectual e importante que fui aprender no curso de História.

A formação tem o conteúdo. Serve para a carreira mas o que ensina a ensinar e pesa mais são as experiências, o tempo na carreira docente, a proximidade com os jovens e a minha militância política, que eu nunca abandonei. Aí tem um pouco dos ideais, do diálogo em meio a tantos discursos. O diálogo com alunos traz uma ligação muito forte com o tempo de hoje, com o que acontece e você não

pode se desligar, porque é o seu tempo e o seu lugar, é o aqui e agora que ajuda você a não ficar de fora da vida. A minha militância, ser político, faz parte do meu princípio e sempre me acompanhou e se reflete na minha atitude. Por exemplo, eu vou explicar o que é economia sustentável, mas também vou questionar a sustentabilidade que se pretende e, mais, deixar a dúvida se é possível no mundo capitalista ter uma economia que gire em torno desse modelo.

Eu acho que a formação hoje não devia desprezar o conteúdo, mas teríamos que pensar no ponto de vista didático, pois há cada professor fazendo tanta besteira... Mais que conteúdo e didática, nós precisamos ensinar o professor a pensar e isso só é possível na academia. O professor deveria voltar para a academia para pensar mais sobre, por exemplo, conhecer o Paulo Freire, que ainda hoje é desconhecido pelos professores, e não só pelos de Geografia. Não importa se no curso de Educação ou de Geografia, mas voltar a ter pensamento próprio para conviver com tudo que está em nossa volta. Estou retomando como aluno especial um curso de pós-graduação, tendo aulas a cada quinze dias que estão me renovando.

Ser professor é ter relações com os alunos e uma boa convivência. É enfrentar o conteúdo, pensar como ele chega ao aluno, a forma que ele está sendo desenvolvido. É mudar. Eu acho que devo mudar, mesmo que estou para aposentar eu sei que, se eu der seis meses de aula diferente, faz diferença para os alunos.

Tem as gratificações: encontrar alunos que você não se lembra do nome, mas ele não só lembra do seu como reconhece que a gente fez parte da vida deles, que ajudou. Fico feliz quando eu os vejo na universidade.

Ser professor é mais do que dar aula. Minha história de vida, e falo para os meus alunos, foi difícil fazer faculdade. Falo para eles, que são alunos da periferia e têm diante deles todo tipo de dificuldades, que se eles não forem para a universidade, vai só a outra turma! A universidade hoje é apropriada por um grupo social mais elitista e esse uso do espaço público deve ser ampliado e por isso não abandono a educação.